

Obras de José Marinho

Volume VII

**Da Liberdade
Necessária
e outros textos**

Edição de Jorge Croce Rivera



Título: Da Liberdade Necessária
e outros textos

Autor: José Marinho

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Maio de 2006

ISBN: 972-27-1486-4

Depósito legal: 242 323/06

DA LIBERDADE NECESSÁRIA
E OUTROS TEXTOS

Obras de José Marinho

Volume VII

Da Liberdade Necessária e outros textos

Edição de Jorge Croce Rivera

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA
2006

APRESENTAÇÃO

“Estão todos no Paraíso e não querem sair dele. Crêem que tudo se passa na luz e que as ideias são claras ou nada valem. Ora o luminoso pode ser obscuro e até tenebroso por alguma forma do seu ser. E assim, também, as ideias. Ora talvez não seja a luz cerúlea que os ilumina, mas as chamas do Inferno: uma tal vida mais parece infernal que celeste.

Adormeceram — uns na fé, outros na razão sábia, razão sábia de uma vez por todas. Têm um pensamento angélico, sendo de facto demónios ou macacos.

Ilusão da luz divina ou humana que luz de uma vez por todas! Não vêem que toda a luz humana tem inevitável parte de sombra e que o puro bem ou a pura justiça que apreendemos no céu ou nos longínquos confins da terra tem sempre parte de treva e erro! Que cegueira há pior do que os homens e os povos que supõem ter a luz de uma vez por todas! Que terrível será, na vida, ou além dela, o enlouquecedor despertar!”

À MEMÓRIA
DE
AFONSO BOTELHO

*D*EFININDO o homem, e a si mesmo, como “o solitário que convive”, foi José Marinho um pensador profundamente interessado na comunicação das suas reflexões, não apenas como modo de exposição dos caminhos da sua meditação teórica, mas de participação activa, ainda que discreta, na vida intelectual portuguesa sua contemporânea. Adverso a controvérsias, Marinho procurou defrontar o que denominava de “escolásticas em nome do céu ou em nome da terra”, dominantes “à direita e à esquerda”, propondo e realizando uma via dialogante e compreensiva, ainda que particularmente exigente, num período marcado pela animosidade entre os protagonistas e por difíceis condições sociais e políticas.

Essa disposição foi particularmente significativa no período a que este volume corresponde, o início da década de Cinquenta, tempo de relativa estabilidade na vida do pensador. Permanecendo a maior parte do ano em Lisboa, à excepção de temporadas no Porto ou em casa familiar no Minho nas férias escolares, o filósofo prosseguiu a sua ocupação de “explicador” ou de docente, por curtos períodos, em colégios privados, situação que lhe permitia a frequência de tertúlias e a participação em debates, promovidos pelo Jardim Universitário de Belas-Artes, a Sociedade Portuguesa de Escritores ou o Centro Nacional de Cultura, intervenções acompanhadas e registradas pela polícia política¹, deixando para os serões, que prolongava até à madrugada, a ocasião para a escrita dos seus textos mais teóricos.

Decerto que as características do estilo e o modo de pensar de Marinho não o tornavam um autor acessível, e mesmo as relações com Jaime Brasil, responsável pela orientação do suplemento “Das Artes, das Letras” de O Primeiro de Janeiro, onde pode publicar a maioria dos artigos, passaram por momentos de grande críspação². Um dos esboços da carta que Marinho dirigiu a Brasil, a propósito da divulgação do livro Leonardo Coimbra — Testemunhos dos Seus Contemporâneos, escrito no início da década de Cinquenta, deixa entrever, de um modo expressivamente sintético, as dificuldades da sua posição, ao mesmo tempo que introduz os diversos temas dos textos reunidos neste volume. Em primeiro lugar, partindo do exemplo de Leonardo Coimbra, Marinho aborda a extrema dificuldade de o pensamento de teor especulativo se confrontar em Portugal com a valorização das “ideias bem ligadinhas” e introduz no debate a relação entre o místico e o lógico, proposta por Bertrand Russell, numa obra que Marinho gostaria de traduzir:

“O meu prezado Amigo diz ter saber filosófico bastante para julgar em nome dele? Pois se <se> lhe [[parece]] <afigura> acertar em seu juízo negativo, não lhe aparece suspeito isso de supor que acerta?”

Eu sei: o meu prezado Jaime Brasil fez a sua cultura em estreita relação com a França e o preconceito francês das “ideias bem ligadinhas” arguido por António Sérgio, êsse francês naturalizado lisboeta, afigura-se-lhe decisivo. Mas há centenas, milhares de cultores da filosofia que são um modelo de pensar sensato e discreto e correcto, cultores da filosofia dos quais não resa a história respectiva e história alguma: pelo contrário, há nessa linha imponente de pensadores tem o meu sufrágio a liberdade de poucos e a justiça para alguns. Se a vida o inclui – chamo a sua atenção e reflexão compreensiva para isto – se a vida a tudo inclui, a verdade digna da mesma vida a [[tendo]] tudo incluirá. E agora diga-me, Jaime Brasil. Muito a sério, diga-me. Se assim é, e como não será?, porque exclui Leonardo Coimbra e, com êle, os que, nas circunstâncias possíveis em Portugal amam a verdade e para ela vivem?

¹ Veja-se, em extratexto, alguma da documentação dos arquivos da Polícia Internacional e de Defesa do Estado relativa a José Marinho.

² Veja-se, no volume V destas “Obras”, *Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, o debate entre ambos, e que envolveu também José Régio, acerca de “claridade”, “clareza” e “obscuridade” (pp. 394 e 396-413).

Se Leonardo Coimbra não é um filósofo, quem o é? Se o não é Sampaio Bruno, quem o será? E na terra onde há filosofia têm assim [...] os curiosos da filosofia, como míticos, místicos e mistagógicos, delirantes nas suas horas e em certas estimadas páginas dos seus livros, sem os quais a filosofia não existiria. Pois claríssimo está, como diz o António Sérgio, homem de claras ideias e claro estilo mas pensamento ora vácuo ora tenebroso, – diria melhor tenebrado – que só com lógica, no sentido vulgar do termo, que infelizmente [[no]] <é o> seu, não teria surgido a filosofia, nem daria três passos seguidos sem ir a terra. Quem o diz? Di-lo toda a gente e, em especial, um dos próceres do racionalismo, do agnosticismo, do positivismo e do logicismo contemporâneo: Bertrand Russell, no seu Misticismo e Lógico, que eu já teria traduzido em português se [[houvesse]] <tivesse> a respectiva licença.”³

Quem pode reivindicar o direito de definir quem é ou não filósofo, decidir da existência ou não de filosofia? Quem pode pretender determinar os limites do lógico ou excluir o místico, a imaginação ou a intuição? Evocando Sampaio Bruno ou retomando a problema da conversão de Leonardo Coimbra, a carta a Jaime Brasil impõe assim a necessidade de pensar a dimensão religiosa não restritivamente, mas de “alma aberta”, não prejudgando de uma falsa delimitação da liberdade humana:

“Quanto [[à parte]] ao aspecto religioso, dir-lhe-ei que isso mesmo de um homem inegavelmente informado e cultivado, com dotes excepcionais e únicos entre os seus patrícios, se converter deve fazer-nos pensar muito a sério. Nem creio que seja um sinal de menos dom filosófico o realizar-se a conversão religiosa. Eu creio que o meu prezado Jaime Brasil tem da religião um conceito demasiadamente moderno mas caduco. Nasceu êle nesses filósofos de pacotilha que são os enciclopedistas, prolongou-se depois com Augusto Comte e semelhantes está agora em plena agonia. O meu amigo é aqui um conservador, julga em nome do passado e, como tantos outros, o seu pensamento já não faz escola, mas é mera escolástica.

[[O meu amigo entende que o anarquii.]] Ora eu penso que também o meu amigo, no fundo tem um sentido trágico da vida, simplesmente não o quer confessar. Acuso-o <firmemente> de esconder, e de esconder a uma pessoa que está para si de alma aberta, como eu estou, esse aspecto essencial da nossa alma e da sua mente. O meu amigo vê o mundo físico e social, [[vê]] <entrevê> o mundo de além como o que põe limites à liberdade humana. [[daí pensar que]] Quem lhe disse ?

[[Pois bem, aí está a razão porque o meu o Jaime Brasil põe embargos e fala com me tem posto tanto dificuldades.]]”

Profundamente interessado no destino moderno do cristianismo, a reflexão de José Marinho não segue todavia os caminhos da ortodoxia católica, mas procura pensar radicalmente quer as relações da filosofia com a teologia e a religião, como se pode ver nos escritos sobre Agostinho Veloso, padre jesuíta que tinha tido acompanhado o processo de conversão de Leonardo Coimbra ao catolicismo, quer aquelas com a cultura e a política, como se pode reconhecer nos seus comentários à polémica travada entre António Sérgio e António José Saraiva. A reflexão do político e do religioso conduz necessariamente à discussão da natureza da liberdade:

“Vamos tentar cingir com maior rigor as respectivas [[solicitações]] situações. O [[meu]] Jaime Brasil diz: esta liberdade, que em mim apreendo, tem em si mesmo a evidência do seu valor e da sua verdade: olhando, [[o mundo]] à volta, [[o]] o mundo físico ou o da sociabilidade dos homens, olhando [[mesmo a crenças]] a ciência, a filosofia e as crenças religiosas, por toda a aparte vejo essa liberdade afirmada para logo se negar. Ficarei, pois, no sentido disto [[ser]] que vivo e sinto [[el.]] e tem em si uma evidência ou um poder de convicção impugnável. E parafraseando [[Dostoyewsky]] Dostoyewsky, [[ac.]] porventura dirá [[.]]: “Que o mundo se aniquile no erro ou na servidão, embora eu viva fiel ao sentido do ser e da verdade que em mim está!”

Dirá se interpretei bem, indicará, por favor, o que não está certo. A atitude de Leonardo Coimbra e deste atrapalhado[[.]] [[no]] e muito mais ignorante e menos dotado discípulo, [[é a seguinte:]] pode traduzir-se nos seguintes termos: se a liberdade existe no homem é absolutamente necessário que dela alguma coisa exista na natureza ou na raiz daquele e desta. <As leis físicas, éticas ou jurídicas [[é um aspecto/são/

³ Carta inédita. Veja-se nesta “Apresentação” *infra* as convenções de transcrição de manuscritos.

dá]] <correspondem> um aspecto exterior das coisas e do [[um]] homem. O fim do homem é transcendê-las.> A visão trágica, a visão agónica do cristianismo e a visão catastrófica dos físicos ou dos biólogos tem verdade, mas é excessiva. O optimismo, e não o pessimismo, [[é a]] traduz [[o sentido supremo da vida.]] o sentido da vida do homem e da Universo.”

Um tal concepção de liberdade, que enraizada na natureza e no homem se abre ao “além”, propondo uma concepção optimista do “sentido da vida do homem e da Universo”, teria necessariamente de se defrontar com um entendimento restritivo de liberdade, reduzida ao arbítrio ou ao domínio das vontades e dos poderes. Explicar tal concepção terá sido o intento do “Estudo sobre a Liberdade” que neste período Marinho procurou desenvolver, mas que ficou inacabado e algo desconexo; todavia, as consequências dessa visão reflectem-se em outras temáticas: é o aprofundamento do valor da liberdade que permite compreender a condição religiosa do homem e o significado espiritual e histórico do cristianismo; dele decorre igualmente um modo de acção que, resguardando o “anarquismo” essencial do espírito – “que sopra onde quer” –, se manifesta nas formas de democracia liberal:

“O meu Amigo finge vir para fora da filosofia, mas a verdade é que está influenciado por uma certa filosofia. E essa é justamente a do pessimismo trágico que, por via estática, religiosa ou científica, empesta por todos os lados a vida humana. O [[meu Amigo]] Jaime Brasil [[, como anarquista, tem]] tem contraditoriamente com a posição de anarquista aquela forma de pessimismo que está no fundo dos sociólogos comunistas. Com a diferença de que eles creem no homem e o [[meu]] Jaime Brasil [[caba]] se limita, ao fim e ao cabo, por acreditar em si mesmo. O seu anarquismo é uma espécie de solipsismo desesperado do amor-próprio.

Para não o aborrecer mais e na suposição de que me tenha lido até aqui, vou pôr ponto.

Suponho que a condição do homem é coisa séria e trágica. Suponho que é tão sério ter continuado a ser anarquista como ter aparentemente deixado de ser anarquista, guardando, entretanto, a verídica substância da doutrina. Creio, finalmente, que a vida espiritual não é despir de [[factos.]] <fatos,> e que não abandonamos nada (nem sequer a forma do nosso corpo e os hábitos!). Quanto ao que se converte por receio da morte, ou por amor de outrem, aparentemente renegando altivez, orgulho, coerência intelectual, exigência da razão, etc. – isso só pode <ria> julgar-se na medida em que se pudesse avaliar (...)”

Articulando um numeroso conjunto de escritos, inéditos e publicados, de natureza muito diversa – estudos de interpretação, ensaios temáticos, aforismos e reflexões, prefácios, artigos publicados e inéditos –, o presente volume, cujos textos foram escritos sobretudo entre 1951 e 1954, permite seguir os modos de problematização destas questões, numa reflexão que escapa ao circunstancialismo da sua redacção para se propor aos actuais leitores renovados caminhos de reflexão.

Dada a frequente referência ao opúsculo de Russell, mas também a prevalência da questão da liberdade, que não apenas se concretiza no “Estudo sobre a Liberdade”, mas está suposta em todos os escritos aqui reunidos, hesitámos longamente, na denominação deste volume, entre evidenciar a tensão entre o místico e o lógico ou entre a liberdade pensada ontologicamente e a sua humana consideração. Optámos, por fim, por escolher o título de um dos textos do “Estudo sobre a Liberdade”, “Da Liberdade Necessária”, aliás redigido em francês, privilegiando nesta aposição um dos modos como aquela tensão se explicita na concreta situação do pensamento.

Evidenciando a amplitude dos interesses de Marinho – filosóficos e filológicos, literários e estéticos, políticos e éticos – e a proficuidade que constitui para o pensador a década de Cinquenta, em que pouco publicou, Da Liberdade Necessária e outros textos tem de ser lido na sequência do volume anterior, Teixeira de Pascoais, Poeta das Origens e da Saudade, e projectando-se no seguinte, Filosofia Portuguesa e Universalidade da Filosofia, nele se indiciando uma acuidade, disponibilidade e ousadia que anunciam já a extrema maturidade que caracteriza a Teoria do Ser e da Verdade.

Misticismo e Lógica no Pensamento Português Moderno

A primeira secção deste volume, “Misticismo e Lógica no Pensamento Português Moderno”, parece ter constituído um estágio no projecto que Marinho acalentou, sobretudo desde o seu estudo sobre Leonardo Coimbra, de redigir uma obra que integrasse num horizonte interpretativo a história do pensamento filosófico português, intento de que em volumes anteriores surgiram já alguns textos, como aqueles sobre Amorim Viana, de 1946, ou os capítulos iniciais das “Lições aos Médicos”, e de que a menção a uns “Estudos sobre poesia e o pensamento português moderno”, referidos numa lista de projectos redigida circa 1950, dá uma primeira denominação.

Ainda que tal propósito só se tenha concretizado com a publicação, já póstuma, de Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo, cuja redacção empenhou Marinho nos últimos quinze anos de existência, é constante na reflexão de Marinho a necessidade de enquadrar os desentendimentos e incompreensões que a seu ver caracterizavam a situação intelectual que lhe era próxima numa perspectiva historicamente mais ampla e teoricamente aprofundada.

Tal amplitude compreensiva pode-se encontrar desde os juvenis “Cadernos de Reflexão sobre a Cultura e a Vida”, que foi escrevendo entre 1924 e 1932, e vai a par de um projecto, apenas esboçado, de história da literatura portuguesa, interpretando-a através das metamorfoses do messianismo. No Caderno XI, redigido em Dezembro de 1925, Marinho reconsidera a história da cultura portuguesa desde a “distinção entre intuitivos e lógicos”, sugerida por Gustave Lanson na sua Histoire de la Littérature Française. Transcrevemos o longo trecho, que revela a precocidade do jovem filósofo, então com vinte anos:

“(…) Não é só em Portugal que existem aqueles espíritos <intuitivos> de que nos fala Sérgio na sua boa crítica aos Pescadores de Raul Brandão (Lusitania nº[*falta*]). Vemos que existem na própria França, pátria clássica do método. Há uma distinção a fazer no desenvolvimento do [[pensamento]] espírito francês entre os lógicos e os não lógicos. Os lógicos [[florescem]] <aparecem> sobretudo no momento clássico com Descartes [[e Pascal]] <e Pascal>. Antes e depois destes existem os não lógicos Jean de Meug, Rabelais, Montaigne, Voltaire. Há uma outra distinção a fazer entre os estéticos e os não estéticos. Aqueles [[seriam]] representados pelos épicos e pelos trágicos: Thérould (ou [[qualquer]] quemquer que seja o autor da Chanson de Roland, <Corneille, Racine.> [[Estes representados pelo]] Os segundos representados pela maioria dos líricos, a sátira com Réguier, a comédia com [[Voltaire]] Molière. Ora esta separação é muito importante para nós. Se, com efeito, observamos a evolução do espírito francês vemos a importância dos não lógicos. Sem Montaigne não teríamos [[Rabelais]] Descartes, sem a Pleiade [[<não teríamos Malberle, sem este>]] não teríamos Racine. Os que Sérgio chama intuitivos (designação que é a própria) estão mais perto da natureza e da vida e o seu conhecimento prende-se ainda demasiado da forma e da cor <(são deste modo mais imaginosos)>; preocupam-se ainda com o pormenor em demasia, não [[mas]] distinguindo bem o essencial do acessório. São estes os espíritos iniciadores, aqueles [[mais penetran.]] que estão entre o que [[se]] é a vida e o que dela se pode conhecer. Sem eles não viriam os outros, visto que os lógicos não são produzidos senão pela consciência <da necessidade> de metodizar e sistematizar o conhecimento que naqueles existia [[desordenado]] <informe> <de realizar o verdadeiro conhecimento que naqueles apenas existiu em germe>. Enquanto aqueles amam a Natureza <e a vida aparente> e acreditam na razão [[como sistematizadora]] apenas como < sua> ordenadora os segundos [[amam]] consideram <antes de mais> a vida como conhecível: para estes a razão [[não pode ordenar senão aquilo que cria]] é a criadora daquela vida [[que o homem pode viver, existindo por conseguinte uma distinção]], vida que é <então> a vida essencial, aquela que o homem pode e deve viver: à intuição substitui-se a ideia, ao difuso o preciso, ao [[nebuloso]] <luminoso o claro, à invidência a evidência.

Do mesmo modo para os estéticos. Nestes, porém, é mais difícil a análise porque a realidade estética é <, por definição,> mais dificilmente apreensível pelo [[inteligível]] <entendimento> do que o próprio inteligível. Sem os poetas trovadorescos e os poetas do Cancioneiro <Geral> não teríamos o nosso lirismo do século XVI e sem as tentativas épicas, a écloga e a história não teríamos a [[nossa]] Epopeia. Os nossos líricos primitivos tem um grande sentimento da natureza e uma simplicidade [[amorosa]] emotiva mas já com Bernardim, Cristovão Falcão, Agostinho da Cruz ou Camões, o sentimento da natureza é mais profundo e a emoção mais rica: a vida interior do poeta adquire mais [[rique.]] realidade reflectindo mais amplamente o

Apresentação	7
Convenções	30

Misticismo e Lógica no Pensamento Português Moderno

Prolegómenos	35
Misticismo e Lógica	38
Da distinção entre místico e lógico no pensamento português moderno	40
[Análise de <i>Misticismo e Lógica</i> — I]	54
[Análise de <i>Misticismo e Lógica</i> — II]	57
[Análise de <i>Misticismo e Lógica</i> — III]	58
[Sobre a contraoposição moderna entre o lógico e o mítico]	64
[Espírito lógico e espírito místico]	68
[Sobre o significado actual do pensamento místico]	70
[Transição para o pensamento português]	73
[Os representantes da crise desde Luís António Verney aos logísticos]	78
[Sobre António Sérgio e Vieira de Almeida]	81
[Anotações sobre personalidades contemporâneas]	83
Conclusão	84
[Resumo de Misticismo e Lógica]	92

Sobre as Relações da Fé com a Filosofia e a Teologia (A propósito dos escritos de Agostinho Veloso)

Abertura	101
[Desenvolvimento — I]	108
[Desenvolvimento — II]	112
[Desenvolvimento — III]	113
[Desenvolvimento — IV]	116
[Desenvolvimento — V]	117
[Sobre Antero de Quental — I]	119
[Sobre Antero de Quental — II]	121
[Sobre Antero de Quental — III]	123
A mensagem de Leonardo Coimbra	130
S. João de Deus	133
[Conclusão]	138
Versões e fragmentos	140
Idolatria e amor-próprio	144
Escolástica	146
Sobre o conceito de livre pensamento	147
[Sobre crença e descrença]	153
Apóstrofe filosofada aos críticos e aos lógicos	160
[É ou não possível ao homem encontrar sentido para a sua existência?]	165
[Sobre a importância do estudo do pensamento português moderno]	167

Os Direitos da Verdade

(A propósito da polémica entre António Sérgio e António José Saraiva)

Significado e valor da liberdade	177
[Sobre António Sérgio]	178
[A posição de António Sérgio]	184
I	184
II	187
[Sobre António Sérgio e a situação cultural portuguesa]	192
[Sobre a polémica entre António Sérgio e António José Saraiva]	195
I	195
II	195
III	196
IV	197
V	197
VI	198

VII	199
VIII	199
Conclusão e promessa	201
Reforma da mentalidade	208
[Notas manuscritas em <i>Um problema anterior</i> de António Sérgio]	209
Nacional e universal	211

Estudo sobre a Liberdade

[Propósito]	215
[Sobre as dificuldades do propósito]	219
Ensaio sobre a liberdade	222
[Apontamentos e esquemas]	223
Esquema	223
Esquema de estudo sobre a liberdade	224
A liberdade como problema	225
[Sobre as dificuldades de entendimento da liberdade]	226
[Da crítica da liberdade]	228
Liberdade e Libertação	230
Liberdade e Condição do Homem	233
[Três formas de liberdade]	237
[Liberdade como “libertar-se”]	239
[Liberdade e finitude]	240
[Le problème de la liberté]	241
Liberté et connaissance	242
[La liberté et la fin de l'étant]	245
Liberté et libre arbitre	246
«Liberté de»	247
Liberté de sujet et liberté sujet	248
De la liberté nécessaire	250
Pequena advertência sobre a liberdade	253
Da Liberdade	255
Da crise da liberdade	260
Sobre o destino da liberdade	262
[Sobre o destino do homem e a liberdade]	264
Sobre o destino da liberdade	267
Da Liberdade	270
Situação da liberdade	272

Reflexões e Aforismos

Aforismos — I	275
Aforismos — II	277
Aforismos — III	279
Aforismos — IV	280
Cadernos de Apontamentos — I	283
Cadernos de Apontamentos — II	296
Cadernos de Apontamentos — III	307
Cadernos de Apontamentos — IV	309
Aforismos — V	318
Aforismos — VI	320
Aforismos — VII	322
Aforismos — VIII	325
Aforismos entre a Noite e a Aurora	326

Prefácios a Oliveira Martins

Oliveira Martins e o Sentido da História	329
Mitologia e Filomíia em Oliveira Martins	334
[Oliveira Martins e o Sistema dos Mitos Religiosos]	341
Sentido da Vida e Origem do Homem em Oliveira Martins	344

Artigos Publicados e Inéditos

Da inspiração	351
Do falso espírito claro	353
Reflexões sobre a coerência	355
Sobre a coerência	357
Do formalismo cultural	363
Filosofia e Religião	366
A Crise do Idealismo	370
Idealismo e realismo	372
Sobre as ideias	375
Das ideias	378
Lógica e Método	383
Ainda sobre lógica	385
Sobre a gramática e a lógica	388
Filologia e Palavra	390
Da Palavra	392
Sobre as formas da liberdade de ânimo	394
[Sobre “objecto”]	397
Tendências da filologia em Portugal	399
Para um conceito de filologia	401
[Situação da filologia]	402
Filologia e hermenêutica poética	409
[Conferência sobre filosofia e filologia]	414
Ordem e harmonia	416
Diálogo pedagógico	417
Da Ciência	419
[Aventura e rotina]	422
Do jornal e do leitor	424
[Sobre as impressões dos leitores]	425
A mulher e a filosofia	427
Paradoxo do tempo	430
Sobre o Tempo	433
A imaginação como forma de liberdade	434
Dois caminhos no conhecimento	435
Da Verdade e dos Homens	438
Dialéctica Concreta	440
Do Sentido Concreto	442
[Meditação sobre o fim do ano]	443
Sobre a arte moderna	445
[Sobre a facilidade inviável]	448
Sobre o sentido da Vida	451
Sobre o sentido da Vida	453